

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2015n13p2>

As vicissitudes do ensino de ciências sociais no Brasil: introdução ao dossiê Ensino de Ciências Sociais

*The social science education events in Brazil: Introduction to
Social Science teaching dossier*

Lucinéia Scremin Martins
Doutora em Educação (UFG)
Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Sociais (UFG)
luascremin@yahoo.com.br

Marcelo Pinheiro Cigales
Doutorando em Sociologia Política (UFSC)
Bolsista CAPES
marcelo.cigales@gmail.com

Resumo: Esse texto tem como objetivo apresentar os artigos da primeira parte do Dossiê Ensino de Ciências Sociais, número 13, que trazem contribuições para o ensino e a pesquisa das ciências sociais. Refere-se, de maneira introdutória, a respeito do movimento dinâmico e acelerado das transformações na sociedade contemporânea, que vem exigindo reflexões e intervenções sistemáticas e coletivas, dos e nos contextos socioculturais e políticos, nos quais se insere o processo educacional. Apresentam-se os artigos com suas contribuições significativas que, a partir das ciências sociais e para as ciências sociais, problematizam e propõem questões fundamentais sobre os limites e possibilidades do ensino e da pesquisa nas Ciências Sociais.

Palavras-chave: Ensino de Ciências Sociais; Sociologia; Educação.

Abstract: This essay has the goal of presenting the articles from the first part of the Teaching Social Sciences Dossier, number 13, that bring contributions to teaching and research in social sciences. It refers to the dynamic and accelerated movement of the transformations in current society in an introductory fashion, that have demanded collective and systematic reflexion and interventions in the socialcultural and political contexts in which the educational process is inserted. The articles are presented with their significant contributions that, from social sciences and for social sciences, problematize and propose fundamental questions about the limits and possibilities of teaching and researching in social sciences.

Key-words: Teaching in Social Sciences; Sociology; Education

Originais recebidos em: 20 de julho de 2016
Aceitos para publicação: 29 de julho de 2016



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/) Atribuição-Usos Não-Comerciais-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

No mundo contemporâneo têm ocorrido inúmeras transformações, principalmente nas áreas tecnológicas e de informação, que tem dinamizado, como nunca na história da humanidade, a vida em sociedade. Tais transformações se refletem nas relações sociais cotidianas: no modo de pensar, de sentir e agir, tornando-as mais fluidas (SENNETT, 2012) e influenciadas diretamente pela compressão do tempo-espço (HARVEY, 2001). Como destaca Harvey, a aceleração do tempo no processo de produzir os produtos necessários à vida humana em sociedade envolve acelerações paralelas no processo de troca e de consumo, decorrentes da necessidade da sociedade capitalista “revolucionar continuamente os instrumentos de produção e, por conseguinte, as relações de produção, e, portanto de todo o conjunto das relações sociais” (MARX, ENGELS, 1997, p. 69). Essa aceleração do tempo-espço acentua a “[...] volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias, valores e práticas estabelecidas” (HARVEY, 2001, p. 258). Os efeitos desse processo são variados: no âmbito da produção dos produtos, mercadorias, tem-se a ênfase na virtuosidade da instantaneidade e da descartabilidade. Para Mézaros (2002), na sociedade capitalista contemporânea torna-se necessário, para manter a reprodução ampliada do capital, criar meios para a redução da taxa de utilização das mercadorias, não importando o tipo. Produz-se o encurtamento deliberado da vida útil das mercadorias, com o intuito de acelerar o “círculo de consumo”, já que a crescente concentração de riquezas nas mãos de poucos impede a ampliação do “círculo de consumo”. Assim, o “crescente desperdício resultante da introdução de tecnologias” resulta no imperativo da dissipação e da perdularidade de bens necessários à vida, de recursos naturais e também de força de trabalho.

Dessa forma, a virtuosidade do descarte fácil e naturalizado de produtos que poderiam ter uma durabilidade maior, determinados agora pela “obsolescência planejada”, trazem consequências não só para a continuidade da vida material da sociedade, pela sua relação de dependência da natureza finita, como para as relações sociais, que são dinamizadas pela volatilidade de valores, estilos de vida, relacionamentos e apego as coisas etc. (HARVEY, 2001). Essas mudanças imediatas e tangíveis atingem o cotidiano dos indivíduos comuns; a rapidez das transformações advindas desse processo no cotidiano das pessoas implica em mudanças substanciais na subjetividade humana, que precisa agora lidar com o efêmero, o volátil, o aceleração do tempo e com o “bombardeio de estímulos” que, como bem destaca Harvey, “[...]”

gera problemas de descarga sensorial que tornam a dissecação dos problemas da vida urbana modernista na virada do século, feita por Simmel, insignificante em termos comparativos” (2001, p. 259). Assim, a ansiedade pessoal com o tempo entrelaça-se profundamente com o capitalismo atual (SENNET, 2012), com a dinâmica da sociedade moderna. As mudanças de ordem objetivas conformam uma nova subjetividade e uma nova maneira de agir; outra cultura social vai se estabelecendo e novas formas de sociabilidade vão surgindo. As “velhas” instituições como, por exemplo, a escola e suas tradicionais formas de educar; assim como também os seus conhecimentos estabelecidos até então, vão exigindo novas reflexões e ações do e sobre esse mundo moderno.

Nesse cenário dinâmico e avassalador do capitalismo contemporâneo é imprescindível a reflexão sobre o ato de educar, que se torna mais complexo, mas não menos angustiante, exigindo reflexões e intervenções, sistemáticas e coletivas, dos e nos contextos socioculturais e políticos, no quais se insere o processo educacional (RESES; SANTOS; RODRIGUES, 2016). Nesse sentido, este Dossiê é parte dessa construção sistemática e coletiva e traz contribuições para refletir e problematizar o ensino das ciências sociais diante das inúmeras mudanças contemporâneas.

Essas aceleradas mudanças tecnológicas e informacionais têm oferecido, em especial para adolescentes e jovens, diversos caminhos e opiniões a respeito da vida social, além de ter intensificado o processo de sociabilização, exigindo o desenvolvimento de uma consciência científica e racional a respeito das condições da existência humana. Nesse sentido, é essencial a contribuição das ciências sociais para o processo de formação de uma consciência científica da vida social. Os conhecimentos proporcionados pelas ciências sociais possibilitam, no seio da escola, por meio de necessárias medições didáticas e pedagógicas, que jovens e adolescentes consigam superar as barreiras da aparência social e desvendar elementos da essência da realidade social.

Exemplo disso é que no Brasil atual, jovens e adolescentes vem apresentando cotidianamente questões inquietantes acerca de processos sociais que sempre se apresentaram como inerentes e “naturais” da formação sócia histórica da nação. Assim, relações sociais que envolvem a compreensão, por exemplo, de raça, etnia, relações de gênero e sexualidade, de poder e de classes ressurgem com força no cotidiano escolar, desafiando professores a desenvolverem a “imaginação sociológica” (MILLS, 1972) dos

adolescentes e jovens para que o ensino de “sociologia” gere interlocução e adquira sentido para a juventude.

Nesse sentido, os diferentes textos que compõem esse dossiê contextualizam, problematizam e propõem, a partir do campo do conhecimento das ciências sociais e para as ciências sociais, questões fundamentais sobre os limites e possibilidades do Ensino das Ciências Sociais; da Pesquisa de Campo do Ensino das Ciências Sociais; sobre a Formação dos Professores e dos Livros Didáticos utilizados para ensinar sociologia; sobre as Diferentes Perspectivas de Ensino das áreas que a compõem (Antropologia, Ciência Política e Sociologia); assim como da Inovação ao incorporar outras áreas, como a Literatura, por exemplo, ou o uso da Ludicidade no processo de ensinar sociologia; sobre o Ensino de Sociologia no Fio da História, seus limites condicionados pelas ideias da época; sobre o Ensino das Ciências Sociais nas Instituições Escolares Atuais como, por exemplo, os IF's (Institutos Federais). Em síntese, um dossiê sobre o Ensino de Ciências Sociais que discute as diferentes questões que abarcam essa área do conhecimento como objeto de pesquisa e reflexão é fundamental nesse momento histórico, seja pela dinâmica volátil e acelerada das mudanças sociais mundiais da contemporaneidade que apresentam temas pertinentes e urgentes para serem tomados como seus objetos de estudos; seja pela necessidade de repensarmos a inclusão obrigatória das ciências sociais – que se convencionou chamar pelo nome de “Sociologia”, mas que abrange diversos conteúdos que fazem parte da pesquisa e do ensino das três disciplinas que compõem a área: Antropologia, Sociologia e Ciência Política – na educação básica brasileira, principalmente a partir da Lei 11.684/08 (BRASIL, 2008).

A história da presença das ciências sociais no sistema educacional brasileiro foi marcada pela intermitência, surgindo e ressurgindo à luz das mudanças sociais e ideologias que predominavam em cada época da história do Brasil. Inicialmente essa área do conhecimento foi chamada à formação de uma intelectualidade necessária à República, ora serviu para desenvolver os valores cívicos; ora para preparar o indivíduo para o processo de modernização que o país atravessava. Em outro momento histórico ressurgiu com o objetivo de preparar o sujeito às mudanças na sociedade; noutro formar um indivíduo reflexivo, que conseguisse entender, reivindicar e participar plenamente do que se entende como cidadania, ou melhor, preparando o indivíduo “para o exercício

da cidadania e qualificação para o trabalho”, conforme exposto na LDB de 1996 (SOBRAL, 2015).

Portanto, o desafio das ciências sociais atualmente é de não apenas se consolidar como um conhecimento necessário na educação básica brasileira, no processo de formação de adolescentes e jovens; mas também de construir coletivamente e criativamente conhecimentos, didáticas para o ensino-aprendizagem das ciências sociais na educação básica e materiais pedagógicos que contribuam com a reflexão científica do mundo contemporâneo. Além do que, é necessário que a área das ciências sociais aprofunde ainda mais o “Ensino das ciências sociais” como seu objeto de pesquisa, que historicamente no Brasil foi mais pesquisado pela área da educação.

Conforme explicita Florestan Fernandes (1974), influências intelectuais contribuíram durante muito tempo para o não progresso das ciências sociais. Segundo ele,

[...] As explicações (ou justificações) da Cosmologia Popular relativas à vida em sociedade, criaram sérios entraves e ‘obstáculos culturais’ ao progresso das ciências sociais. A essas explicações ou justificações se associam, comumente, atitudes de indiferença pela aplicação do método científico ao estudo dos fenômenos sociais (FERNANDES, 1974, p. 22).

Assim, a tendência foi considerar os conhecimentos proporcionados pelas ciências sociais como desnecessários e improdutivos, pois a simples participação na vida social, pelo convívio com os mais velhos, produzia um saber que possibilitava conhecimento da situação social, assim como também a solução dos problemas sociais. Além disso, a concepção religiosa de mundo, que propunha explicação para as origens da vida social, também exerceu forte influência, pois

[...] pretendia restringir o âmbito da aplicação de critérios racionais na explicação das ocorrências humanas e comportamento social do homem, bem como eliminar, pura e simplesmente, toda focalização da realidade social que entrasse em contradição com as explicações de caráter teológico-religioso (FERNANDES, 1974, p.23).

Uma importante consequência dessas influências intelectuais ao longo da história brasileira, destacada pelo autor, e que explica em parte um dos problemas enfrentados pelas ciências sociais ainda hoje, foi a “criação de ambientes desfavoráveis à pesquisa e ao ensino das ciências sociais”, concebidas como inúteis e dispendiosas.

Dessa forma, o ensino das ciências sociais foi se desenvolvendo ao “sabor” das determinações históricas; em alguns momentos se adequou mais fortemente as ideias religiosas, que denominavam o pensamento intelectual; em outros foi buscando se desenvolver cientificamente ou pré-cientificamente. Contudo, hoje podemos afirmar que avançamos, pois o número e a qualidade de pesquisas sobre o ensino das ciências sociais têm crescido nos últimos anos¹, caminhando lado a lado com a criação de Programas de Pós Graduação, ou linhas de pesquisas, que privilegiam o ensino das ciências sociais como objeto de estudos, além do surgimento de importantes publicações que buscam publicizar coletivamente a reflexão e as experiências de muitos educadores, que há anos vem, individualmente e bravamente, resistindo e inovando ao ensinar na educação básica a disciplina de sociologia (OLIVEIRA, 2013).

Buscando colaborar com esse processo é que esta edição de número 13 traz contribuições de vários (as) autores (as), que tem como foco as Ciências Sociais enquanto objeto de pesquisa e ensino. Os artigos presentes nesta edição refletem o processo de consolidação das Ciências Sociais nos últimos anos no Brasil e demonstram as vicissitudes pelas quais passam e ainda vem passando as ciências sociais no Brasil contemporâneo.

O artigo que inicia esse dossiê é de Amurabi Oliveira, doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco e professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina; Vanessa Rego Ferreira, mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora de Sociologia na rede pública de Alagoas; Beatriz Demboski Búrigo, graduanda do Curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista PIBIC; Felipe Boin, graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e também bolsista PIBIC. Os autores buscam indicar, no artigo intitulado “Pesquisa de Campo sobre Ensino de Ciências Sociais: alguns desafios metodológicos”, os desafios encontrados para o desenvolvimento de pesquisas de campo na área de ciências sociais. Para demonstrar esse processo estabeleceram como fio condutor do artigo a exposição dos desafios encontrados para o desenvolvimento de duas distintas pesquisas na área de ciências sociais: a primeira, já concluída, que versou sobre o ensino de sociologia na reforma curricular, realizada no Estado de Alagoas; e a

¹ Conferir a edição de número 14 que dá continuidade ao dossiê Ensino de Ciências Sociais. Este número traz as contribuições de vários (as) autores (as) que tem também como foco de pesquisa as Ciências Sociais enquanto objeto de pesquisa e ensino.

segunda, ainda em curso, voltada para as disposições sociais dos professores de sociologia em Florianópolis. Os autores enfatizam as dificuldades de acesso e de desenvolvimento da pesquisa junto a diferentes esferas, envolvendo as Secretarias de Educação, escolas e professores, considerando que em cada caso houve particularidades encontradas, bem como potencialidades que puderam ser exploradas pelas investigações realizadas.

O segundo artigo, intitulado “Fragmento de sociologia pré-acadêmica no ensino normalista de 1935”, de autoria de Cristiano das Neves Bodart, doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Faculdade Novo Milênio, busca contribuir com a análise das ciências sociais a partir de fontes primárias que desvelam as dúvidas em torno das práticas cotidianas de ensino de Sociologia no Brasil da primeira metade do século XX. Para isso, o autor define como seu objeto de análise dez (10) provas discursivas de Sociologia aplicadas na antiga Escola Normal Municipal de Alegre, em 10 de agosto de 1935. As provas foram encontradas no Acervo Público do estado do Espírito Santo e organizadas na caixa nº 150 do Fundo Estadual de Educação, a qual se encontra disponível para consultas públicas; e sua análise se dá a partir das questões abordadas na avaliação, das respostas dos educandos e da aferição do julgamento do professor.

Mariana de Fátima Guerino, doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Sociologia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e Marcela de Oliveira Nunes, doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Maringá (UEL) e professora colaboradora da Universidade Estadual de Londrina UEL, apresentam uma pesquisa muito interessante no artigo intitulado “A perspectiva docente sobre as Ciências Sociais no ensino médio integrado”, no qual problematizam o ensino de ciências sociais no ensino médio integrado ao profissional, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), com os docentes responsáveis por essa área e que lecionam a disciplina de sociologia. O objetivo da pesquisa foi perceber quais as correlações da disciplina de sociologia com dimensões mais amplas do trabalho docente no IFSC. Para analisarem o ensino de sociologia no IFSC, as relações estabelecidas entre os diferentes agentes e a perspectiva dos docentes sobre a própria atuação, as autoras propuseram um questionário composto por 17 questões discursivas, enviado a 11 professores do IFSC que manifestaram serem professores de sociologia.

No quarto artigo desse dossiê, o autor Jesus Marmanillo Pereira, doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor Assistente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), problematiza o processo de institucionalização da Ciência Política no âmbito da prática educativa trazendo uma reflexão sobre os caminhos da ciência política no Ensino Médio. Além disso, o autor analisa os conteúdos da ciência política trabalhados em um livro didático de Sociologia.

Já o artigo intitulado “A narrativa ficcional como método no ensino de sociologia” é de autoria de Gustavo Oliveira Wolf Cavalcante, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O autor faz uma análise do uso da escrita ficcional no ensino de sociologia na educação básica, demonstrando que o uso da literatura possibilita atenuar a violência simbólica inerente ao processo educativo, e ampliar as possibilidades do aluno fazer uso dos conhecimentos das ciências sociais relacionando-os ao seu cotidiano. Seu artigo é escrito a partir da experiência no estágio supervisionado realizado em 2014 no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

No sexto artigo, intitulado “Estabelecidos e outsiders: trabalhando elementos de história, cultura e sociedade numa obra clássica”, Marcelo da Silva Araujo, doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor de Sociologia do Colégio Pedro II propõe-se a pensar quais conexões e descobertas é possível realizar a partir da análise do livro “Os estabelecidos e os outsiders”, livro de autoria de Norbert Elias e John Scotson e originalmente publicado em língua inglesa em 1965. O presente artigo é escrito a partir do texto final do curso de doutorado, em que o autor busca colaborar para o desvelamento da obra Elias e Scotson, no que diz respeito à violência, dominação simbólica, discriminação e exclusão, articulando as dimensões da história, da cultura e da sociedade.

Thayene Gomes Cavalcante, mestra em Ciências Sociais pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e professora de Sociologia da rede estadual da Paraíba e Anicélia Ferreira da Silva, também mestra em Ciências Sociais pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) escrevem o artigo intitulado “Desafios de adoção do livro didático de sociologia e formação continuada de professores” discutindo a relação entre a adoção do livro didático de sociologia e a formação continuada dos professores. As autoras realizaram duas pesquisas nos anos de 2014 e 2015, em João Pessoa/Paraíba, com professores da

rede estadual sobre a adoção do livro didático de sociologia e em Pesqueira/Pernambuco, sobre os contextos e possibilidades de formação continuada para professores de sociologia. Realizaram entrevistas e propuseram questionários aos professores das respectivas redes estaduais de ensino, com a intenção de compreender os desafios que esta relação envolve. As autoras reafirmam, a partir de suas pesquisas, um problema recorrente da área de ensino de sociologia nas escolas brasileiras, qual seja: a formação dos professores, já que uma grande quantidade de professores não tem formação na área de sociologia.

A autora Treicy Giovanella da Silveira, mestranda em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CAPES, apresenta nesse dossiê uma resenha do livro intitulado “O Estado de exceção escolar: uma avaliação crítica das escolas públicas militarizadas”, organizado por Ian Caetano e Victor Viegas, estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e pesquisadores do PROLUTA (núcleo de pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás). O livro reúne textos sobre o processo de militarização de escolas públicas no estado de Goiás, que se caracteriza pela transferência da gestão escolar à Polícia Militar do estado. Essa instituição passa a gerir as escolas a partir das suas doutrinações, imposições, e uma cultura da subordinação própria desse tipo de aparelho do estado, que na realidade social tem um papel repressor exercido através do monopólio oficial da violência. Esse modelo, que pode vir a ser um modelo exportado para outros estados da federação, é problematizado e questionado, à luz da sociologia, pelos autores dos artigos no livro resenhado.

Por fim, Mauro Meirelles, doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresenta uma entrevista realizada com as professoras Luciana Hoppe e Simone L. Sperhacke, cujo título é “Educação e Ludicidade: um diálogo acerca das possibilidades epistêmicas que a abordagem lúdica tem a oferecer a Sociologia”. O autor apresenta uma entrevista dialogada com as professoras acerca das contribuições e possibilidades que a educação lúdica tem a oferecer ao campo das Ciências Sociais. A entrevista em suma abrange a definição da educação lúdica pelas professoras e como elas percebem ou concebem o processo de aprendizagem na perspectiva da educação lúdica. Além das definições a respeito do lúdico a entrevista explora a importância dos jogos e brincadeiras na sala de aula como recurso didático para uma melhor apropriação e sedimentação dos conteúdos

trabalhados, além das vantagens dos jogos e brincadeiras ao processo de desenvolvimento cognitivo dos educandos. Como conclusão da entrevista, as professoras ainda apresentam exemplos de jogos criativos e interessantes que podem se adequar aos mais variados objetivos definidos pelo professor em seu planejamento pedagógico. Mauro finaliza a entrevista destacando às professoras entrevistadas que a alternativa em realizar uma abordagem mais lúdica no processo de ensino das ciências sociais possivelmente enfrentará resistências; por parte dos alunos (como já destacado pelas próprias entrevistadas), mas, também e principalmente, por parte dos professores, na medida em que o uso desse tipo de abordagem implica em pensar a educação desde outra perspectiva.

A publicação deste dossiê em dois volumes (número 13 e 14) é fruto de um processo de investigação no campo do ensino das ciências sociais que coincide com um momento social no Brasil marcado pelo avanço de posições políticas conservadoras no âmbito educacional, em especial no âmbito das ciências sociais. O recuo das diretrizes curriculares nos últimos anos em relação aos conteúdos de gênero, diversidade e sexualidade são coroados na atualidade por projetos de leis em todos os entes federados: União, Estados e Municípios, que buscam impor sanções aos professores que atentarem contra os “valores” sociais dos *status quo*. O exemplo disso é um projeto de Lei que tramita versando sobre uma proposta de “escola sem partido”, cujo significado remonta ao período referente a ditadura, em que as disciplinas de sociologia e filosofia, por exemplo, foram substituídas pelo ensino de Organização Social e Política Brasileira (OSP). As tensões sociais decorrentes da ofensiva conservadora não passarão indiferentes para o ensino de ciências sociais. Nesse sentido, cabe aos professores e pesquisadores a reflexão e a ação coletiva na busca de impedir o processo de regressão em curso dos avanços obtidos até então na esfera social e, em particular, na da política educacional brasileira, permitindo que se continue conquistando e aprofundando avanços para a educação básica em geral, e para o ensino de sociologia em particular, como bem demonstram os artigos aqui apresentados.

Referências

BRASIL. *Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008*. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 03 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em agosto/2014.

BRASIL. Projeto de lei nº 867, de 2015. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o "Programa Escola sem Partido". Apresentado pelo deputado Izalci. PSDB/DF. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>>. Acesso em agosto/2016.

BOTTOMORE, T. B. *A sociologia como crítica social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FERNANDES, Florestan. Funções sociais das ciências sociais no mundo moderno. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. *Educação e sociedade*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1974.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MÉSZÁROS, Istvan. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MILL, C. Wrights. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. (org.). *Ensino de Sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: UFRRJ, EDUR, 2013.

RESES, Erlando; SANTOS, Mario Bispo; RODRIGUES, Shirley Daudt. *A sociologia no ensino médio: cidadania e representações sociais de professores e estudantes*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SENNETT, Richard. *A corrosão do Caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. São Paulo: Record, 2012.

SOBRAL, Laise S. Lemos. *As condições do trabalho docente do cientista social no ensino médio: Um estudo de caso em Goiânia-Goiás*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, 2015.

